

## A TRADIÇÃO E O NACIONAL EM *THE ANTIQUARY*, DE WALTER SCOTT

### Abstract

*Analysis of the novel The Antiquary, by Walter Scott, focussing on the importance given by the author in this work to Scottish national symbols.*

**Palavras-chave:** literatura, tradição, identidade nacional

Em *The Antiquary* romance da fase em que trata de temas ligados à Escócia, Walter Scott destaca a questão do nacional, ressaltando a importância de a tradição ser preservada. No prefácio que escreve para a primeira edição dessa obra publicada em 1826, o escritor anuncia que esse romance completa uma série de narrativas ficcionais que ilustram a história da Escócia em três diferentes períodos: o romance *Waverly* aborda a época de seus pais, *Guy Mannering* o período de sua juventude e *The Antiquary* se reporta à última década do século dezoito (SCOTT, 1870, p. 1).

A preocupação em manter vivos símbolos tomados como nacionais, acabaria por fazer com que fossem inventadas na Escócia novas antigas tradições. Nessa obra, sua atenção está voltada para a importância da preservação de diversos tipos de relíquias do passado de sua nação, mesmo aquelas de origem um tanto duvidosa. Tudo aquilo que se considera tipicamente escocês será motivo de pesquisa do antiquário – personagem que dá título ao romance –, sempre ávido por descobrir “antigos” documentos. A preservação da tradição é a solução encontrada por Scott para fazer com que seu país guarde na memória do povo lembranças de uma Escócia independente. Assim, apesar da união com Inglaterra, escoceses não perderiam sua identidade nacional e seu país não se tornaria apenas a parte norte da Grã-Bretanha.

Durante o século XVIII e no início do XIX, a sociedade escocesa levou uma vida intelectual intensa. Esse período é conhecido como Iluminismo escocês. De acordo com o crítico N. T. Philipson, o termo Iluminismo escocês é recente no vocabulário de historiadores, designando mais uma área de interesse do que um episódio claramente definido da história escocesa. O início desse movimento teria acontecido

após a Revolução Gloriosa, em 1688, e seu término teria sido marcado pela morte de Scott, em 1832.

O crítico lembra que, durante o século XVIII, surgiram, em Edimburgo, clubes como a *Sociedade Seleta* (*Select Society*), fundada em 1754, onde pessoas – no caso dessa sociedade, de alto nível social – se encontravam com o objetivo de discutir questões variadas, sendo seu propósito principal o debate literário e filosófico. Homens como os filósofos David Hume (1711-1776) e Adam Smith (1723-1790) ou o poeta e editor Allan Ramsay (1686-1758) foram alguns de seus sócios fundadores (Cf. DAICHES, 1993, p. 162-163).

Uma razão provável para esse interesse em aprofundar e obter destaque através do conhecimento pode ser entendida como uma maneira de atrair atenção e respeito de toda a Europa para a Escócia pós-União dos parlamentos. Ou seja, com a perda da independência política, os escoceses atribuem um sentido patriótico-nacionalista aos seus êxitos como homens das letras e da filosofia. Suas conquistas nesses campos do saber fazem com que não apenas Edimburgo, mas todo o país se sobressaia. Essa pode ter sido então uma maneira de compensar, em parte, as perdas políticas sofridas com a dissolução do parlamento.

Além de antiquários – que tentam encontrar todo tipo de relíquias do passado escocês, inclusive o literário –, esse movimento também apresenta seu lado criativo, na poesia escrita em vernáculo. Um dos pioneiros é Allan Ramsay, que exercia as duas funções, de antiquário e poeta. Afora ele, ressaltam-se os nomes de Robert Fergusson e Robert Burns. Esses poetas se destacaram através de sua poesia escrita em língua escocesa, em grande parte baseada em modelos de composições escocesas antigas.

Walter Scott também prestou colaboração para esse resgate ao organizar uma coletânea de canções escocesas coletadas por ele em diferentes regiões de seu país. Essa publicação tem como título *Canções de menestréis da fronteira escocesa* (*Minstrelsy of the Scottish Border*). Na *Introdução* à sua coletânea de canções escocesas, defendendo a preservação de elementos nacionais, Scott afirma:

*Nas notas e nas dissertações ocasionais, foi meu objetivo juntar, talvez sem dar muita*

atenção ao método de trabalho, uma variedade de observações, relacionadas às superstições populares e à história lendária, que, se não forem coligidas, cairão dentro em breve no mais completo esquecimento. Através desses esforços, mesmo que pequenos, talvez eu possa contribuir de alguma forma para a história da minha terra natal, cujas características peculiares de caráter e de costumes estão a cada dia se diluindo e fundindo-se com aquelas de sua irmã e aliada. E, ainda que tal oferta possa parecer trivial diante das glórias de um reino outrora independente, eu a deposito em seu altar com uma mistura de sentimentos, que não tentarei explicar. (Apud DAICHES, David. 1971, p. 67)

Seu apego à preservação de determinados elementos tomados como símbolos da nacionalidade escocesa fez com que o escritor freqüentemente prestasse sua contribuição, quer seja para que recebessem o devido destaque, quer seja para recuperar objetos ou monumentos escoceses que tivessem sido levados da Escócia para Inglaterra. Por exemplo, foi graças ao empenho de Scott que o canhão escocês do século XIV, conhecido como Mons Meg, considerado pelo escritor como o orgulho dos escoceses, foi devolvido, em nove de março de 1829, ao castelo de Edimburgo. A recuperação dessa peça de artilharia parece não ter sido nada fácil, pois Scott teve que reiterar seu pedido várias vezes durante anos e só foi atendido após a promessa de devolução feita pelo Duke de Wellington e pelo rei George IV durante a visita do soberano à Escócia, em 1822. O famoso canhão foi retirado da Torre de Londres, para onde havia sido levado pelos ingleses em 1754, e recebido com grande festa pelo escoceses. Segundo Scott, os soldados do regimento das terras altas, chamados por ele de *celtas*, compareceram usando o saiote escocês, o que fez com que a cerimônia fosse num *esplêndido show* (ANDERSON, 1972, p. 26-27).

Uma outra atitude significativa do escritor em relação à preservação de elementos tradicionais escoceses é a defesa em favor da continuidade da emissão de cédulas em moeda escocesa pelos bancos de seu país. No mesmo dia em que toma conhecimento a respeito de o governo poderia vir a tomar essa medida, Scott sente o impulso de emitir sua opinião por escrito, contudo teme que se seu texto possa ofender seus amigos ingleses, sem chegar favorecer a ninguém na Escócia. Essa dúvida logo passaria e ele acabaria por escrever *Malachi Malagrother*, cartas em que comenta e critica a intenção do governo. Publicadas por James Ballantine, as cartas servem para chamar atenção do público em geral e, em particular, dos bancos escoceses que encomendaram quinhentas cópias do panfleto por julgarem que a divulgação do texto de Scott uma boa maneira de pressionar a opinião pública contra aquela medida governamental. *Malachi* causaria um grande debate, Scott, porém, acabaria por desistir de continuar a escrever suas car-

tas, pois considerou o debate infrutífero. Para ele, sua missão de alertar o povo escocês estaria cumprida, mesmo que no final não conseguisse, segundo afirma, ver o velho leão inglês recuar e a flor símbolo da Escócia, thistle, novamente clamar seu lema *nemo me impune lacessit*, ou seja, *quem ousa me desafiar* (Ibidem, p. 97).

Sua preocupação em defender a tradição escocesa fica evidente quando afirma que os ingleses estavam *gradualmente destruindo o que restava da nacionalidade* (escocesa) e *fazendo do país tabula rasa para doutrinas de ousadas inovações* (Ibidem, p. 113).

Além desses, outros exemplos poderiam ser dados como prova do interesse de Scott pela questão da preservação dos traços da nacionalidade escocesa. Dentre muitos, poderíamos citar o seu empenho para que fosse encontrado um baú onde estariam escondidas as jóias e vestimentas da coroa escocesa (*Scottish regalia*). Na verdade, a idéia de procurar as jóias desaparecidas surge de uma conversa que Scott tivera com o Príncipe Regente, em 1815. A busca só seria iniciada três anos mais tarde, e o escritor, acompanhado de uma comissão, acabaria por encontrar o tesouro enterrado na sala da coroa do palácio de Edimburgo (LOKHART, 1937, p. 313.).

Walter Scott havia sido o responsável pela organização da visita real a Edimburgo em 1822. Naquela ocasião apenas os membros do partido conservador (*Tories*), que apoiavam o rei, foram favoráveis à visita. Os da oposição ou eram contrários à ida de George IV à Escócia ou simplesmente ficaram indiferentes ao assunto.

Scott planejou uma recepção grandiosa que pudesse atrair a atenção de todos, decidindo, com a ajuda de seus colaboradores, que os participantes da festa deveriam usar trajes tradicionais dos habitantes das terras altas (*Highlanders*) para receber o rei. Com isso, ficaria criada a impressão, para quem assistisse às cerimônias, de que saiotas, chamados de *kilts*, e gaitas de fole fossem símbolos distintivos de todo o país e não apenas de uma parte dele. John Lockhart lembra que, naquele momento, a atribuição de tanta eminência aos costumes de uma parte da população escocesa tão humilhada pelos grandes proprietários de terra parecia uma zombaria cruel. Lockhart refere-se ao que ficou conhecido historicamente como desobstruções nas terras altas, que atingem seu auge naquele período. Um número em massa de *Highlanders*, que trabalhava e morava em terras alheias como inquilinos, é obrigado pelos proprietários a deixar o campo livre para a criação de ovelhas ou, no caso das terras mais férteis, para o aumento da extensão das fazendas dos donos das terras (Apud LOCKHART, 1937, p. 421). O historiador G. M. Trevelyan comenta que, após 1745, o modo de vida que havia prevalecido nas terras altas escocesas desde os tempos pré-históricos fora totalmente destruído. Esse período marcou então o desaparecimento do sistema tribal, dos guerreiros de saiotas e também de seus armamentos típicos (TREVELYAN, 1948, p. 4570).

Apesar da falta de precisão de tudo o que era exibido em relação à realidade e à história do país, a encenação pitoresca provou ser de grande apelo popular, causando forte entusiasmo naqueles que a ela assistiram. A estratégia de Scott parece ter funcionado. Até o rei – um Hanover – ele apresenta vestindo um saíote, como se aquele fosse um monarca cuja origem estivesse nas terras altas da Escócia. O crítico John Sutherland diz que, naquela ocasião, Scott inventou “tradições” tão livremente quanto qualquer outra coisa nos enredos de seus romances (SUTHERLAND, 1995, p. 258).

No romance *The Antiquary*, Scott apresenta o personagem Jonathan Olbuck, o colecionador de “reliquias” do passado, que dá título à obra. Para a construção desse personagem, o escritor diz ter se baseado, em parte, em George Constable, um velho amigo de sua família. Desde de sua infância, Scott aprendera a admirar Constable, grande contador de histórias sobre o passado da Escócia. Mais tarde, a dedicação de ambos à coleção de objetos antigos estreitaria ainda mais a amizade entre os dois.

O antiquário Oldbuck vive em uma antiga casa em Monkbarns cercado de livros e objetos que considera verdadeiras preciosidades. A preocupação que alguém possa destruir alguma de suas “reliquias” faz com que esse senhor abomine qualquer tipo de limpeza ou arrumação, principalmente em seu quarto, ou melhor, seu esconderijo. Nesse cômodo da casa, não existe nenhum espaço que não esteja ocupado por pilhas de objetos empoeirados. Há que se ter muito cuidado antes de se sentar, pois os mais descuidados correm o risco de causar um acidente de graves consequências. Esse é o caso do reverendo Heavysterne, que feriu-se ao sentar-se inadvertidamente sobre três bolas de ferro maciço com hastes pontiagudas. Segundo o colecionador, tais peças haviam sido achadas num pântano próximo ao campo de batalha de Bannockburn pelo escocês Robert Bruce, sendo uma das estratégias utilizadas pelo herói para combater a cavalaria inglesa. Além dessas, outras peças de valor podem ser encontradas nos aposentos do antiquário, como preciosas publicações e manuscritos, dentre os quais encontra-se uma coleção de baladas que data de um período anterior ao século dezoito. Para conseguir algumas delas, diz ter tido que recorrer a diversos estratagemas.

A atenção de Oldbuck não está voltada apenas para objetos, mas também para determinados locais da paisagem escocesa que guardam muito da história de seu país. Por acreditar que terras vizinhas à sua fazenda haviam sido palco de um famoso confronto histórico entre romanos e bretões, o colecionador afirma que, se necessário fosse, teria trocado sua plantação de trigo por aquele pedaço de terra estéril. Pois, supunha tratar-se de uma preocupação nacional. Oldbuck só revela a seus companheiros a importância histórica que atribui àquele pedaço de terra, após ter conseguido comprá-las. Seu investimento não fora em vão, visto que encontrara nesse terreno uma urna com uma inscrição em latim que

faz referência ao período em a Bretanha era uma das províncias do império romano, isto é, a um período anterior ao século V da era Cristã (SCOTT, 1870, p. 38-39).

Um colecionador como Oldbuck não poderia deixar de pertencer a várias das sociedades de antiquários existentes em seu país durante a época a que romance se reporta. Sua contribuição para os estudos relativos aos símbolos tradicionais escoceses abrange também o campo literário, pois dois ensaios de sua autoria sobre textos antigos foram publicados em uma revistas especializados.

Walter Scott pode ter afirmado que o amigo Constable tenha servido de modelo para a criação de seu personagem, contudo não se pode deixar de notar a grande semelhança existente entre Oldbuck, o próprio Scott e outros antiquários contemporâneos ao escritor. Por enfatizar a preservação da tradição escocesa sob seus mais variados aspectos, essa obra presta uma homenagem, mesmo que indireta, àqueles que se dedicaram para manter viva a identidade nacional de seu país.

## Referências bibliográficas

- ALEXANDER, J. H. & HEWIT, David, ed. *Scott in Carnival*. Aberdeen: Association for Scottish Literatures Studies, 1993.
- ANDERSON, W. K. E. *The Journal of Sir Walter Scott*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London & New York: Routledge, 1994.
- \_\_\_\_\_, org. *Nation and Narration*. London: Routledge, 1991.
- BOLD, Alan. *Scottish tartans*. Ditchling: Piktin Pictorials Ltd, 1993.
- \_\_\_\_\_, ed. *Sir Walter Scott: The Long-Forgotten Melody*. London: Vision, Barnes & Noble, 1983.
- BROWN, S. J. & GRANT, A. *The Scottish Historical Review*. Edinburgh: The Scottish Historical Review Trust, v. 73, n. 1, Apr. 1994.
- CROCKETT, W. S. *The Scott Country*. London: A. & C. Black Ltd., 1920.
- \_\_\_\_\_. *The Scott Originals*. Edinburgh: Morrison & Gibb Ltd., 1912.
- DAICHES, David. *Walter Scott and his World*. London: Thames and Hudson, 1971.
- LOCKHART, John G. *The Life of Sir Walter Scott*. London: J. M. & Sons Ltd., 1937.
- SCOTT, Walter. *The Antiquary*. Edinburgh: Adam & Charles Black, 1870.
- \_\_\_\_\_. Autobiography. In: LOCKHART, J. G. *The Life of Sir Walter Scott*. London: J. M. & Sons Ltd., 1937.
- SUTHERLAND, John. *The Life of Walter Scott: a Critical Biography*. Oxford: Blackwell, 1995.
- TREVELYAN, G. M. *English Social History: a Survey of Six Centuries*. London: The Reprint Society, 1948.